2
Virtualidade e Tecnologia

A cultura contemporânea, na qual se sobrepõem linguagens, tempo e projetos, tem uma trama plural, com múltiplos eixos problemáticos.
D.F. Schnitman

2.1
Do reflexo à imagem

A imagem nada é em si mesma.
Ovídio

O cotidiano se apresenta para o sujeito com um imperativo, que é ter que tornar públicas as inúmeras particularidades de sua vida. Ao voltar a atenção para os conteúdos transmitidos nos diversos veículos de comunicação, constata-se uma interessante transformação: se, outrora, a ficção era encenada no intuito do entretenimento, atualmente as ocorrências da vida real são transformadas em imagens "bem" produzidas, cuja estética nem sempre é estímulo para a diversão. Além disto, sabe-se também que perpassa no imaginário coletivo a idéia de que ocorrências de cunho drástico devem ser encenadas para o conhecimento público. E pode-se constatar que é principalmente no momento em que os meios de comunicação exploram minuciosamente as nuances do drama subjetivo que se tem um alto índice de audiência nos programas televisivos, como também grande vendagem de jornais e revistas.

Os acontecimentos dramáticos não se constituem mais somente como instrumentos para a reflexão ou a tomada de posições, pois o mercado já organizou uma tabela de valores financeiros para os mesmos. Mas, por outro lado, além do valor simbólico da ocorrência trágica como mercadoria, há também um benefício bastante significativo, ou seja, a glória, para algumas pessoas, de se verem na televisão ou de verem seus nomes nas manchetes de jornais. Acredita-se que este segundo fator (estar diante de sua própria imagem) seja o que mais impele o sujeito a participar desta engrenagem. Com isto, ressaltamos que a imagem devolve ao sujeito uma espécie de reconhecimento de sua existência, como também retrata sua presença no mundo. A sua imagem, captada através de procedimentos técnicos, possibilita ao sujeito tomar ciência de si em múltiplos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

aspectos. Frente aos demais, pode utilizar o seu aparecimento na TV, nos jornais ou nas revistas para se investir de importância, além de um possível efeito restaurador, em termos subjetivos. Querendo ou não, este momento é, para ele, um recorte na sua história de vida, dotado de uma singularidade inquestionável.

Afora todas as reflexões que se possam fazer acerca do modo de viver atual, com conseqüências, muitas vezes, indiretamente prejudiciais para o sujeito, não se pode deixar de considerar que o apelo ao recurso da imagem tem um valor fundamental de constituição de sua vida subjetiva. A relação com a sua própria imagem é de um tipo pelo qual o homem, em nenhuma época, passou incólume aos efeitos produzidos por ela.

É interessante notar que, no projeto de vida que antecedeu ao mundo platônico, ou seja, no mundo em que predominava a tragédia, uma relação do homem com sua imagem era determinante de sua vida, conforme podemos depreender no mito de Narciso.

Metaforicamente falando, Narciso morreu diante da sua imagem. E hoje? De que forma se apropriar desta metáfora, para pensar nas possíveis "mortes" do sujeito, que experimenta um viver pleno de aparelhos técnicos que possibilitam a produção de imagens do mundo e de si, numa facilidade antes nunca vivida? Ao partir de uma rápida reflexão, pode-se admitir que, atualmente, o sujeito conhece um certo estado de entorpecimento, principalmente se atentar para o *slogan* comercial que constantemente oferece um modo de submetimento, quando estampa: imagem é tudo! Certamente sim, imagem constitui o sujeito, lhe dá reconhecimento, serve de parâmetro avaliador, produzindo categorias de excluídos, e também mata[1]. Quer-se ressaltar que, na história de vida, possivelmente se coloca em cena a função constitutiva da imagem, principalmente no que se refere à complexa trama de valores que se estrutura por trás dela.

Sabe-se que a imagem por si só tem sua importância, basta se reportar a Narciso, para quem a imagem traçou um destino. Novamente a pergunta: como se valer de sua própria imagem, sem se aprisionar mortalmente nela, como fez Narciso[2]?

---

[1]A morte, aqui, se refere às transformações no corpo (plásticas, lipoesculturas, implantes de silicone, ingestão de energéticos, drogas, dentre outros), que os sujeitos consomem de modos às vezes desmedidos, levando-os de fato à morte real, ou a conseqüências negativas irreversíveis.

[2]Ver FREUD, S. *Sobre o narcisismo,* op. cit., e OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Rio de Janeiro. Editora tecnoprint S.A. 1983.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Ao olhar para uma imagem, hoje, parece que não se reconhece que se trata, ali, somente de uma imagem. Parece que se está no aprisionamento da profecia que condenou Narciso a não se conhecer, pois foi vítima do engano que o levou a tratar uma imagem como coisa viva.

O que Narciso encontra nas águas mortíferas é a constatação de que "o objeto de seu desejo não existe"[3], pois, em se tratando da imagem de si mesmo, bastava uma virada para que o objeto de amor desaparecesse. De modo que "a sombra que Narciso vê é o reflexo da sua imagem; ela nada é em si mesma"[4].

A novidade encantadora, produzida nas águas, que capturou Narciso, constitui-se num dilema, pois, caso se afastasse, tal esplendor glorioso desapareceria, caso se colasse à tal maravilha, também seria o fim. Como, então, estabelecer uma distância da imagem que não seja mortífera? O espelho das águas retratou para Narciso uma imagem que fez sua aparição no momento em que ele se presentificou às águas e que "permanece e desaparece com sua partida, se Narciso tivesse coragem de partir"[5].

Irresistivelmente apaixonado por sua imagem, Narciso, sem saber que se tratava apenas de uma imagem, fica condenado à alienação, na medida em que se torna vítima do encantamento da fascinação atormentadora e dominante da imagem de si. A atemporalidade, contida na aparência viva da imagem, o coloca no lugar daquele que não sabe o que vê, mesmo vendo e até mesmo por ver.

Pela incapacidade de se afastar de sua imagem, perde-se na contemplação de si mesmo e definha dia-a-dia, à beira da fonte, na busca do amor impossível.

A exaltação da imagem, nos dias atuais, poderia ser pensada como uma tentativa de oferecer ao sujeito, além de provisões amorosas, saídas para o estado de desamparo? Talvez se tenha aí o motivo pelo qual o sujeito se vê compelido, cada vez mais, a estar o mais próximo possível de uma imagem, padronizada por valores atuais e difundida pela mídia, na crença de que esta seria sua imagem. Como, então, oferecer alternativas ao sujeito de um mínimo de distanciamento salutar? Como espectador, de que modo tratar sua imagem, que não seja de outra forma como algo vivo e dominador? O sujeito dispõe de meios de decidir seu querer ser, diante do conjunto de possibilidades promissoras oferecidas na

[3] OVÍDIO, op. cit. p.61
[4]Ibid. p.59
[5]Ibid. p.59

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

imagem, ou se vê imperiosamente obrigado a sê-la, a qualquer custo? Precisa-se de imagem como se precisa de alimento, de ar, de companhia. Não por acaso, mas sim pelo fato de que a imagem transforma e dá a certeza de que há um outro interessado em mim, quando estou frente à minha imagem. Como entidade construtiva de subjetividade, a imagem ocupa um lugar fundamental, porque é o outro que investe seu desejo para o existir de um sujeito. É também o outro que informa sobre a condição de se estar vivo e interroga sobre quem se é, o que se deve fazer, e que projetos se deve elaborar no chamado percurso de vida.

Mais uma vez reporto-me à história mítica de Narciso, para concluir que o enamoramento exagerado de si mesmo e a busca do objeto de amor na própria imagem levam à morte.

Se existem caminhos na mediação do sujeito com sua imagem, que o levam à morte, então não se pode ignorar que há nisto um perigo, que toma dimensões crescentes quando a imagem, além de ser oferecida como um bem restaurador, passa para a galeria dos bens de consumo. E, como a palavra de ordem no cotidiano é consumir o excesso, então se pode admitir que a crescente valorização da imagem concorreu para uma importante transformação no sujeito, tanto no seu modo de pensar, de sentir e de agir, quanto no seu relacionamento com a memória e na elaboração de projetos. Certamente, isto repercute de forma significativa no âmbito da constituição subjetiva.

Fala-se, na atualidade, da subjetividade constitutiva de um consumo intenso de imagens técnicas, que exercem sobre os sujeitos contemporâneos uma fascinação atormentadora, que os domina e os condena à alienação, à medida que se tornam vítimas de seu encantamento.

O uso das imagens, oferecidas pelos dispositivos técnicos, bem como a imagem de si, captada por estes aparelhos, podem ser instrumentos para promover rupturas ativas, que abram para o sujeito possibilidades de diversidade?

Ao refletir sobre questões suscitadas pela imagem técnica, num mundo por ela constituído, procura-se ampliar a compreensão sobre a história, a cultura e os modos de subjetivação dos sujeitos, neste contexto de vida atual. E, ao fazer uso de um instrumento técnico (a câmera) como mediador das relações entre os sujeitos, não só se pensa em articular produção de saber crítico com intervenção social, como também, ao se proceder desta forma, numa prática comunitária, se leva em conta a dimensão ética, política e cultural, nas transformações do sujeito e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

da sociedade. Este foi o grande desafio neste estudo, ao se usar a imagem técnica como capturadora da imagem de si mesmo, que, como vem sendo reafirmado, tem uma imperiosa função na constituição das produções subjetivas. Portanto, utilizar a imagem de si através da videogravação foi considerá-la como um instaurador de discursividade para o sujeito, capaz de revelar as intensas relações interpessoais, intrapessoais e com o mundo, tanto dos objetos físicos quanto das instituições em que habita.

2.2
Subjetividade e Tecnologia

O binômio de abertura trouxe para discussão um interrogante, que insiste em se fazer ecoar: qual o futuro do homem, após o advento, o aprimoramento e a sofisticação da tecnologia? A tecnologia determinou uma nova realidade. Transformou drasticamente as bases da experiência humana e, conseqüentemente, o tipo de laço estabelecido entre os homens, particularmente no que tange à sua relação com o saber. Começando pela técnica, conforme nos sugere Heidegger[6], que afirma,

> (...) realizando a técnica o homem participa da disposição como um modo de desencobrimento que domina a técnica moderna, possui como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: extração, transformação, estocagem, distribuição e reprocessamento. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar, são modos de desencobrimento.

O alerta heideggeriano induz pensar na técnica instrumental, que, sobretudo, remodelou o mundo das ferramentas, tanto em termos de sua utilização, quanto na capacidade de ultrapassar o próprio horizonte da experiência humana.

Por outro lado, a tecnologia, aliada à técnica, alterou consideravelmente o predomínio das forças naturais, ou seja, o sujeito passou a ter consciência da possibilidade de intervir na natureza, a ponto de transformá-la. Deste modo, alterou-se também significativamente a relação do homem com a natureza e com seu semelhante. É pertinente distinguir técnica, considerada como o artifício da ferramenta, da tecnologia propriamente dita[7]. Entende-se por técnica todo e

[6]HEIDEGGER, M., op cit., p. 20.
[7]As definições da técnica e da tecnologia aqui tratadas estão baseadas em HEIDEGGER, M., conforme nota anterior.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

qualquer instrumento que tenha o significado de representar extensão dos dispositivos de contato do homem, considerando a potencialidade de sua força para transformar a matéria-prima, extraída da natureza, ou aprimorá-la. A tecnologia é uma operacionalidade que, necessariamente, incide sobre a matéria industrializada, quer dizer, a matéria inventada pelo discurso da ciência. Certamente, a idéia de tecnologia é contemporânea do surgimento da ciência moderna, que, sem dúvida, redirecionou e transformou o mundo das ferramentas. A técnica produziu um *status quo* para o sujeito, no sentido de forjar um novo arranjo para a experiência humana.

O discurso da ciência, fundado na modernidade, em nosso estado de civilização, guarda íntima relação com a técnica e a tecnologia. "O homem toma consciência de ter ingressado em um mundo novo – o mundo transformado pela técnica e pela indústria – mas, e talvez por isto mesmo, um mundo cada vez mais desconhecido e imprevisível"[8]. Em princípio, pela incerteza que se produziu, mas também pela transferência de responsabilidades. "A visão antropológica e antropocêntrica do mundo destrói e substitui a visão cosmocêntrica ou teocêntrica. Enfim, liberado de toda tutela, o homem se torna mestre das significações do Universo"[9]. Se, no mundo antigo, a responsabilidade era atribuída a Deus, no mundo moderno, é ao sujeito. Colocou-se "(...) em xeque a idéia de que pensar eqüivale a representar e que sustentou as três figuras clássicas, eu, mundo e Deus"[10].

Com isto, o homem foi obrigado a assumir a autoria de seus atos, inaugurando, por assim dizer, uma nova relação com o saber. A questão, foco de preocupação, pelo menos em termos subjetivos, é a relação ciência e técnica. A técnica, por si só, funcionando de forma autônoma, responde às leis de mercado, de modo a ultrapassá-las, como também exerce este mesmo efeito nas investigações científicas. Não obstante, entre ciência e técnica há um abismo intransponível, por onde se introduzem questões de ordem ética, ou seja, a aplicação técnica do discurso científico deve ser constantemente questionada, em nome da civilização e de seus progressos, mesmo que se considere o lugar de

[8]JOBIM E SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, 1994, p. 31.
[9]Ibid.
[10] HERZOG, R. *Da falta à ausência de referência: O vazio na psicanálise*. Agora, 2(1), 1999, p. 60.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

potência, ocupado pela ciência. Em certo sentido, assiste-se, na atualidade, à proliferação da produção de objetos, fruto da técnica, objetos que "(...) multiplicam geometricamente os consumidores parecendo oferecer o impossível: uma satisfação à disposição de quem a eles tem acesso"[11].

A técnica e a tecnologia são responsáveis pelo surgimento do saber, até então indisponível, do homem: previsão do tempo, fissura do núcleo do átomo, inseminação artificial, transplantes de órgãos, clonagem e, enfim, outras promessas, dentre as quais aquelas para evitar a morte ou proteger-se dela. Mas o avanço científico povoou o homem de incertezas em relação a si mesmo, colocando-o, muitas vezes, num estado de perdição, representando muito mais do que uma perda; pois se trata de um *modus vivendi* que tem nele, no homem, "o seu próprio artífice. Perdição é a perda de toda e qualquer referência, o esfacelamento de todo recurso ordenador"[12].

Entende-se, assim, que a perdição é uma situação de ordem subjetiva, que põe em xeque o sujeito. Este estado de coisas que incidiu sobre o homem se refletiu diretamente no futuro da civilização, visto que, frente à imperiosidade da técnica e da tecnologia, o homem não se pode esquivar de sua condição subjetiva. Isto quer dizer que o emprego operacional da tecnologia o colocou numa situação problemática: como formalizar seu estatuto desejante?

Aliado à tecnologia, encontra-se, na atualidade, o fenômeno da globalização. A cultura globalizada e imediatista acentua o uso exacerbado da imagem, com suas conseqüências para o sujeito. Com o incremento da inserção no mundo das imagens, vividas no presente contínuo do aqui e agora, promove-se a crescente tendência ao esquecimento, além de propiciar uma redução às opções do desejo, pela fabricação incessante e quase que instantânea de objetos. O imediatismo, a sensação de um presente contínuo, a exacerbação dos limites de satisfação, dentre outras sensações vividas neste contexto contemporâneo, propiciam também uma exaltação do narcisismo, na tentativa de suprimir todo e qualquer mal-estar[13].

No mundo de imagens, da técnica, da imagem técnica e da tecnologia, o homem, em seu modo de ser, vive uma dinâmica subjetiva que tende,

---

[11] SINATRA, E.S. *Variantes del argumento ontológico en la modernidad. Sujeto, goce y modernidad*. Buenos Aires: Atuel, 1995, p. 27 (tradução do autor).
[12] GONDAR, J. "Angústia, desamparo e o trágico". *Tempo psicanalítico* 27, 1994, p. 61.
[13] FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXI.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

forçosamente, a reduzir ou a quase apagar um passado, a história[14]. Este tipo de operação parece ser aquele que a ciência produz no remanejamento dos grupos sociais, operação que exige a liquidação dos vestígios de memória, em prol da novidade, a supressão e a anulação da diferença, em nome de uma homogeneização, difundida pelos *slogans*: "tempo é dinheiro" e "só o trabalho dignifica". Eis uma das conseqüências da tecnologia como mola da engenharia, no contexto das relações humanas, sobretudo em termos de uma universalização despida de ilusões e que esconde formas brutais de segregação, pois

> (...) o desfrute é orientado e canalizado para o gozo dos bens, o que acarreta uma transformação do objeto. Não se trata mais do objeto de uso, objeto de longa duração, objeto adscrito à lógica dos bens. É o objeto de consumo. O consumo vira desenfreio em meio a uma produção tecnológica cada vez mais veloz[15].

Assim, tem-se um tipo de satisfação com o objeto, que culmina com a sua própria destruição. Mas, se a técnica funciona e a tecnologia opera, o que fazer com a estocagem de objetos colocados à disposição pela produção em série, fruto da lógica mercantil que, em primeiro lugar, visa ao lucro? E, ainda, qual o custo subjetivo que o sujeito despende, ao se fazer parte desta engrenagem, em que prevalece o valor do desejo, segundo a lei da demanda e da oferta? Estaria ele nas malhas de um curto-circuito, onde desaparecem os pontos de fuga? Se, de um lado, se tem a premência da venda, de outro, a vontade de compra, quer dizer, não só o mercado se especializou na oferta de soluções ou na venda de respostas, como há no sujeito uma busca desenfreada para este oferecimento. Desta forma, o desejo não é mais consumir pura e simplesmente objetos emblemáticos, que encerrem em si questões voltadas para a satisfação, mas também atender a uma demanda criada pelo mercado.

Se há excesso de produção, devido à tecnologia, tem-se também excesso na produção de desempregados, famintos, doentes, imigrantes, que, mesmo considerados como encalhes de produção ou estoques remanescentes[16], são, na maioria das vezes, encaminhados à assistência social, mas cuja equação, num

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

---

[14]BENJAMIN, W. "Experiência e pobreza". *Obras Escolhidas*, op. cit.

[15] CABAS, A.G. *Os paradoxos da civilização e o desgarramento da cultura*. Agora 1(1), 1998, p. 12. Ver também FORRESTER, op. cit.

[16]FORRESTER, V., op. cit.

ajuste de contas, apresenta um índice deficitário de subjetividade[17]. Certamente, além da promessa de felicidade, promessa de livre acesso aos produtos, há uma falha subjetiva irredutível, que a lógica dos bens, a produção dos objetos em série e, enfim, a fabricação de excedentes oferecem a ilusão de suprir. Estariam as crises subjetivas, tão freqüentes no sintoma atual, bem como as convulsões sociais, apontando para o fracasso desta crença e a impossibilidade de suprimento? Toca-se, assim, na tríade matricial da subjetividade contemporânea, marcada pelo manejo e pela promessa na política dos bens: monotonia, uniformidade e tédio, que afetam tanto o sujeito quanto a civilização. Não se pode negar que, por mais "democratizados" que estejam os bens de consumo, e que a produção de produtos diferenciados já atingiu um número maior de consumidores de outras classes sociais, se necessita avançar nas possibilidades de usar a extraordinária condição da tecnologia dentro de uma política de transformação da grande parte dos sujeitos. As tecnologias não são as vilãs da subjetividade contemporânea, no que se refere ao seu aspecto negativo, mas sim os modos como os sujeitos delas se valem[18].

2.3
A constituição da subjetividade no campo social

Guattari concebe a subjetividade como produzida constantemente no entrecruzamento de diversos fatores, que vão desde o "romance familiar" até o desenvolvimento tecnológico mais avançado dos dias atuais. Portanto, a subjetividade se altera a todo instante por transformações históricas, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, dentre outras, devidamente datadas. É neste

[17]AMORIM, M. "Mikhail Baktin's contribution: the ethical, esthetical, and epistemological triple articulation". Texto apresentado no *Fifth Congress of the International Society for Cultural Research and Activity Theory*. Amsterdam, 18-22 de junho de 2002.

[18]A este respeito, ver JOBIM E SOUZA, S. (Org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.Em princípio, todos os textos dos autores contemplados nesta coletânea tratam da questão das transformações engendradas pelos avanços tecnológicos tanto no sujeito como nos modos de vida.
Ver também do mesmo autor, "O olho e a câmera: desafios para a educação na época da interatividade virtual". In: Revista *Advir*, publicação da Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ASDUERJ, 15 de setembro de 2002. A autora também levanta uma série de questões a partir da influência da tecnologia (no olhar, na subjetividade e no conhecimento), nos dias atuais, como um desafio para a área da educação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

sentido que, nos estudos da subjetividade, desenvolvidos por Guattari[19], se pode observar um redimensionamento das categorias de indivíduo e sociedade, além da própria relação sujeito-objeto. Com a visão de um mundo como uma complexa rede, a dicotomia até então reinante entre estes termos se desfaz.

Para compreender a subjetividade como produção, há que se pensar em processo, em movimento e nas forças que podem acelerá-la ou paralisá-la, como, por exemplo, os jogos de poder e contrapoder, força e resistência, singularização e captura.

É uma concepção de subjetividade produzida tanto por instâncias individuais quanto coletivas e institucionais, apontando sempre para o campo da multiplicidade e da heterogeneidade. Portanto, a subjetividade não se situa apenas no campo individual, mas no campo de todos os processos de produção social e material. É neste sentido que Guattari afirma que os processos de subjetividade não são centrados nos agentes individuais – funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais, nem em agentes estritamente grupais. As tecnologias, nesta concepção, também são vistas como vetores de subjetivação. As máquinas se referem tanto à produção, que pode ser de bens materiais, quanto de modos de subjetivação. É também neste sentido que alude à produção de um inconsciente "maquínico", que não se centre apenas nas relações familiares, mas também em outros vetores, produtores de subjetividade, inscritos numa perspectiva de uma construção marcada pela processualidade, propensos às transformações da história e da sociedade.

O autor chama a atenção para não se equiparar subjetividade a individualidade. A individuação do corpo, que se refere ao indivíduo, é totalmente diferente do conceito de subjetividade, que é composto por uma multiplicidade de agenciamentos de subjetivação, fabricados e modelados no registro social[20].

Nesta concepção de subjetividade, não há nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca. Segundo Guattari, a produção de subjetividade é a matéria-prima mais importante do capitalismo, porque incrementa sua produção através da interferência cada vez maior da mídia e da tecnologia na vida das pessoas. Portanto, a produção de subjetividade, hoje, compreendida na inter-relação com os processos de produção,

[19]GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992
[20]GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

permite ao capitalismo sua existência, sua afirmação e sua reprodução, pois, como bem afirmam Guattari e Rolnik[21],

> Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas.

Guattari também amplia a noção sobre o conceito de ideologia marxista, ao dizer que o capitalismo, em especial o que ele denomina de capitalismo mundial integrado (CMI), não produz e modifica apenas representações, mas cria modelos de comportamentos, de sensibilidade, de percepção, de memória, de relações sexuais, de relações sociais, dentre muitos outros. A despolitização da vida deve ceder lugar à inquietação criativa, vislumbrando modos novos de pensar e atuar. Ao se referir, por exemplo, ao que denominou de "revolução molecular", afirma: "É o conjunto das possibilidades de práticas específicas de mudança de modo de vida, com seu potencial criador... E isso não tem nada de utópico, nem de idealista"[22].

Não há transformação revolucionária independente de qualquer que seja o regime, se não houver, concomitantemente, uma revolução cultural, postula Guattari. Caso contrário, só teremos uma reprodução do anterior. Para o autor, a revolução molecular completa as formas tradicionais de luta política, os partidos, as organizações, os movimentos populares, entre outras. Os domínios da sensibilidade e do desejo devem estar paralelamente junto às lutas e às organizações clássicas, de modo que os campos da arte, da política e da tecnologia e informação possam integrar-se como forças presentes nos grandes e nos pequenos acontecimentos da vida. Deste modo, Guattari acredita em possibilidades de lutas singulares que escapem à modelização dominante.

[21]Ibid., p. 6.
[22]Ibid., pp. 186/187.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

2.4
O modo de produção e a imagem técnica

A sociedade contemporânea, principalmente a urbana, pode ser caracterizada como a sociedade da imagem que, cada vez mais, atravessa a experiência da vida urbana. Pelos vários lugares por onde se passa, depara-se com imagens envolventes, provocando, desta maneira, novos modos de se comportar na vida.

O modo de compreensão da experiência do ser, nos dias atuais, é dado pela tecnologia, que não é mero instrumento, mas uma forma assumida pela consciência. Padrões de comportamentos, hoje, são oferecidos pela mídia, que, portanto, é formadora de atitudes, gestos e modos de ser dos sujeitos.

Esta maneira de conceber as práticas tecnológicas no campo das relações humanas é nova e, portanto, bastante passível de críticas, mas que não se deixe de ver as possibilidades (e nelas pensar) que o próprio desenvolvimento da tecnologia vai criando em seus usuários. Esta ordem de existência tecnológica atende a uma forma específica de relacionamento com o real.

Como foi visto anteriormente, a tecnologia, desde os primórdios, esteve sempre associada ao modo de funcionamento da sociedade. É o recurso de que esta lança mão para se fazer visível.

Aproximadamente em meados do século XX, com o incremento do capitalismo e dos avanços tecnológicos, viveu-se o período da produção industrial, da produção em série, do consumo de bens materiais. Em função das mudanças sociais desta época, Adorno e Horkheimer[23] criaram a expressão "Indústria Cultural", como crítica às produções que surgiam em decorrência do incremento do capitalismo. As produções artísticas, como a fotografia e o cinema, serviram de protótipos para uma crítica à cultura como um todo.

Principalmente para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural favoreceu o empobrecimento das artes e da cultura, uma vez que estava submetida ao mercado. Para eles, o sistema capitalista era tão imperioso que qualquer produção, nas diferentes áreas da vida cultural, era vista como submissão a uma ordem

[23]ADORNO, T. & HORKHEIMER, M., op. cit. Estes autores, entre outros, fundaram a Escola de Frankfurt, que tinha por objetivo analisar as relações entre os fenômenos culturais e o momento em que o capitalismo da época, o nazismo e a segunda guerra se encontravam em ascensão. Seus estudos têm forte fundamentação no materialismo dialético.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

imposta pelo sistema, retirando cada vez mais a possibilidade de intervenção dos sujeitos.

Já Benjamin[24] procurou, em suas análises, estudar as alterações que este momento provocava nos sujeitos, não só em relação aos aspectos negativos, mas também sobre os novos modos de se relacionar, que o sujeito produzia em função destas transformações. O conceito de arte foi focalizado no sentido de repensá-la em função deste novo momento. A distinção entre o que é ou não arte não depende mais da forma tradicional de definição. A noção de aura, que uma obra possuía, no sentido de expressar o seu valor de culto e a sua autenticidade, pela existência de um único original, não pode mais ser concebida do mesmo modo. Na medida em que a obra é criada a partir dos meios de reprodução e se destina a ser tecnicamente multiplicada o máximo possível, perde a sua aura, no que diz respeito a ser única. A reprodutibilidade passa, então, a ser uma aliada da arte. E, neste sentido, afirma Benjamin:

> (...) a reprodutibilidade técnica da obra de arte emancipa-a, pela primeira vez na história do mundo, da sua existência parasitária no ritual. A obra de arte reproduzida torna-se, cada vez mais, a reprodução de uma obra que assenta na reprodutibilidade. A partir da chapa fotográfica, por exemplo, é possível fazer uma grande quantidade de cópias, o que retira sentido à questão da cópia autêntica. Mas nesse momento, com o fracasso do padrão de autenticidade na reprodução de arte, modifica-se também a função social da arte. Em vez de assentar no ritual, passa a assentar numa outra praxis: a política[25].

Tal reprodutibilidade, alcançada pela tecnologia, intensificou não apenas a inserção da arte no mundo, mas a vinculou a uma prática política. As inúmeras possibilidades de exibição, propiciadas pela multiplidade, permitem uma certa democratização do acesso à arte. Neste sentido, surge a cultura de massa e, conseqüentemente, a cultura da imagem.

Uma das características da tecnologia é a de ter a possibilidade de representar o real com a máxima perfeição. Desde os primórdios, a imagem técnica tende ao ideal de objetividade e de representação da realidade. É neste sentido que, na produção das imagens técnicas, é importante tentar conter ao

[24]BENJAMIN, W. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". *Obras Escolhidas*, vol. 1, "Magia e técnica, arte e política". São Paulo: Brasiliense, 1987.

[25]Ibid. *A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica. Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992, pp. 83/84.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

máximo a interferência da subjetividade. Nesta condição, Machado[26] as define como

> (...) uma classe de fenômenos audiovisuais em que o adjetivo ('técnico') de alguma forma ofusca o substantivo ('imagem'), em que o papel da máquina (ou seja lá qual for a mediação técnica) se torna tão determinante a ponto de muitas vezes eclipsar ou mesmo substituir o trabalho de concepção de imagens por parte do sujeito criador, o artista que traduz as suas imagens interiores em obras dotadas de significado numa sociedade de homens.

Retirar a possibilidade da influência subjetiva do criador/autor de uma imagem técnica seria, então, segundo os critérios de qualidade de uma imagem, um ponto importante a ser alcançado.

A imprensa, como precursora da TV, tinha seus jornais sensacionalistas, de grande tiragem, demandando leitores e atuando no campo da razão, enquanto a televisão usa imagem, som, luz e movimento e atua no campo da emoção. Na TV, o fato e sua divulgação são transmitidos de forma simultânea, ao vivo. Efeitos inéditos foram produzidos com o seu advento. Ela é capaz de reunir um grande número de pessoas, num mesmo momento, diante de um telejornal.

Ao ter como meta o sucesso comercial e a grande audiência, e atuando no campo das emoções, desperta um imenso interesse no telespectador, ao estimular as paixões mais primárias, com notícias de raptos de crianças e escândalos capazes de suscitar a indignação popular. O discurso da mídia também é o discurso da moralidade. Os valores midiáticos determinam discursos modelizantes e moralistas, também midiáticos.

Nos anos 50, a televisão tinha, e acredita-se que ainda tem, uma pretensão cultural (documentários, adaptações de obras clássicas, debates culturais, entre outros) e impunha ao grande público, devido ao seu monopólio, este tipo de produto.

Uma comparação, com relação a este meio de comunicação, nos dias atuais, faz ver que, para atingir a mais ampla audiência, a televisão dos anos 90 visa explorar os gostos, despertar a curiosidade, oferecendo aos telespectadores produtos brutos, tendo o *talk-show* como paradigma. Recortes da vida privada, exibições cruas de experiências de pessoas comuns, *reality shows*, notícias políticas (fatias da vida dos políticos), catástrofes naturais e acidentais são fontes

[26]MACHADO, A. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed. 1ª reimpressão, 1997, p. 10.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

de estimulação voyeurística e exibicionista nos telespectadores, não requerendo destes, nem dos apresentadores, nenhuma competência específica prévia, sobretudo política.

A mídia influi nos costumes, nos hábitos e nos valores. Ter acesso a um instante de visibilidade, nem que seja por um *flash*, num jogo de futebol, ou num *show*, é sinônimo de existência do sujeito. Aparecer na televisão, por exemplo, é a existência do candidato à política. Daí a disputa pelo tempo.

A mídia eletrônica atua no campo sensorial e emocional e tem como pano de fundo uma estetização visual. O sensorial da mídia é que vai conformar a existência do sujeito público e privado, a presença do humano no espaço social. Ela não recobre a totalidade da vida social. Simula o espaço social por inteiro e leva o sujeito a produzir uma agenda esteticista, a fazer a pauta dos produtos que vai consumir.

As pesquisas de opinião vão-se articular com a mídia e formar um campo imaginário, representativo da opinião pública, do qual são pura imagem, objeto inexistente, um novo social, dominado por profissionais midiáticos. O sujeito está sendo olhado pelos objetos técnicos que fazem nascer aquilo mesmo que iluminam, uma outra realidade, uma realidade particular, compatível com a razão tecnomercadológica.

A tecnologia e o mercado, portanto, são iluminadores da mídia, que dita o valor moral, o que presta, o que não presta, o que é moda, o que não é moda. Este valor atende aos interesses privados, aos interesses de classes. Segundo Muniz Sodré[27], esta questão está referida ao conceito de deontologia, que trata da ética dos deveres e não da ética das virtudes, por isto, pode gerar um fascismo moral. Poder-se-ia dizer que, na época atual, a deontologia está servindo a grupos e à moralidade burguesa cristã. A moral deontológica oculta os verdadeiros interesses setoriais.

A tecnologia reduz a esfera do indeterminado, reduz o que não depende da ação humana, e isto afeta o sagrado, afeta a experiência de transcendência, mas preserva, ao mesmo tempo, uma espécie de uma nova religião: o assombro. A consciência humana adere ao fascínio da técnica, transformando a idéia do ser supremo num Deus remoto, num Deus que se materializa. A fragilidade e a

[27]SODRÉ, M., op. cit. E anotações de aulas do curso ministrado pelo Professor Muniz Sodré na UFRJ, já citado anteriormente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

precariedade do corpo humano, a insuficiência mental de velocidade e de instantaneidade são compensadas pela tecnologia.

Os objetos produzidos pela máquina se transformam em signos[28]. Seu poder decorre do modo de organização social. Hoje, estamos num modelo aprofundado por produções independentes, variações, acumulação flexível, onde a ordem é produzir demanda nos sujeitos. Neste sentido, o processo informativo é elemento de estrutura de capital importantíssimo. Segundo Bourdieu[29], a informação se transformou em uma lei, válida para qualquer órgão de imprensa ou meio de expressão, que tem por objetivo atingir um público amplo. É a lei da "informação-ônibus", que não levanta problemas, não abre questionamentos. É uma informação[30]. É a lei que procura não dividir o público, que deve estar de acordo com as categorias do receptor, que homogeneíza. Cabe, então, a pergunta: que efeitos políticos e culturais podem resultar disto? Um ponto de abertura para pensar esta questão nos é oferecido por Bourdieu[31], ao admitir que não há um sujeito específico que possa ter pensado e desejado a despolitização e a conformização do trabalho coletivo. Para o autor, isto é fruto de um processo, de uma ação invisível nos meios de comunicação. Admite que não há um sujeito específico que possa ter pensado e desejado que o trabalho coletivo tenda a homogeneizar, a "conformizar" e a "despolitizar".

Frente a esta questão, Bourdieu aponta para uma necessidade de reavaliação permanente das produções oriundas da aliança entre as forças da tecnologia com as da economia, a lei do lucro e da concorrência, pois há conseqüências que são geradas independentemente de uma intencionalidade e de uma previsibilidade. Na mídia, pode-se fazer previsibilidade, mas não se podem prever os efeitos sociais. Ou seja: "No estado atual de minhas observações, penso que, inconscientemente, os responsáveis, vítimas da 'mentalidade-índice-de-audiência' não escolhem realmente"[32].

---

[28]BAUDRILLARD, J. *A sociedade de...,* op. cit.

[29]BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1997.

[30]Deleuze, ao postular a informação via imagem, vai dizer que a sociedade disciplinar que se estabelecia pelo confinamento (Foucault, 1975), com suas instituições (prisão, hospital, escola), foi substituída pelo controle contínuo e pela comunicação instantânea, caracterizados pelas máquinas cibernéticas e pela computadorização da sociedade.DELEUZE,G. Conversações. Rio de Janeiro: editora 34,1992.

[31]BOURDIEU, P., op. cit.

[32]Ibid., "Bourdieu desafia a mídia internacional". *Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 17 de outubro de 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Também Beatriz Sarlo[33] afirma que, com a expansão do espaço da videoesfera, houve uma mudança radical na organização da dimensão simbólica do mundo social. De acordo com a autora, as transformações tecnológicas modificam a percepção da espacialidade e da temporalidade, e são irreversíveis. Primeiro, porque desencadeiam processos sociais produtivos, com um impacto material tão forte quanto o simbólico, e, segundo, porque as transformações tecnológicas se incorporam ao imaginário, convertendo-se em estilos culturais. A visibilidade da organização do aspecto público da política nos dias atuais é dada pela videopolítica.

Sarlo levanta algumas hipóteses sobre as implicações da videopolítica nas questões da política hoje, fundamentando-se nas características dos audiovisuais. Desta forma, chama a atenção para o que se vem apontando: a capacidade que as tecnologias têm de ofuscarem o fato real, sendo necessário, portanto, construir reflexões críticas a respeito dos usos que se fazem das produções alcançadas pelas sociedades, pois "a videopolítica institui formas aparentemente não mediadas de apresentação das questões públicas"[34]. Ou seja, a videopolítica cria a ilusão daquilo que se vê como uma ininterrupta recepção ao vivo, sem a intervenção de operadores. Neste sentido, ela vai impor suas regras ao discurso político, como mudanças no estilo de argumentação, no tipo de implicação entre argumentos, no sistema de imagens, entre outras, visto que "(...) a videopolítica dessacraliza a política"[35]. Com a ilusão da não-mediação e da recepção dos fatos enquanto estão ocorrendo (ao vivo), estabelece-se uma proximidade entre cidadãos e políticos profissionais. A vida privada dos políticos se torna pública. O político profissional apresenta-se com os atributos do homem comum. Submete-se a testes de popularidade, pautados na estética da mídia. A "televisibilidade" passa a ser a qualidade mais alta de um político e "(...) a videopolítica adota uma forma discursiva mais simples e acessível que as instituições deliberativas do sistema político"[36]. O tempo da videopolítica se acelera tanto na proposição dos problemas como na busca de soluções, por isto pode convencer mais, o que quer dizer que "a videopolítica desliza por um *continuum*, cujo ponto nodal está

[33] SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e video-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
[34]Ibid., *Paisagens imaginárias*, São Paulo: EDUSP, 1998, p. 130.
[35]Ibid., p. 132.
[36]Ibid., p. 134.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

fortemente fixado no presente. Assim, intensifica o presente, bem como debilita o passado e o futuro"[37]. Isto significa dizer que a noção de continuidade do tempo, que vivenciamos através do tempo gasto para construir um projeto ou a história de uma comunidade, é representada como uma sucessão de intervenções num presente deslocado do fluxo denso da temporalidade, em que as coisas aparecem e desaparecem num ritmo que é outro, é o ritmo da mídia. O meio audiovisual é dominado por uma abundância de acontecimentos sem qualidade e que são intensamente repetidos. Isto faz parte de uma estratégia discursiva, afetando diretamente a política.

Continuando em seus argumentos, Sarlo afirma que "(...) a videopolítica define um novo tipo de fato público, especialmente criado para integrar-se a seu *continuum*"[38]. Sendo a videosfera o lugar onde a visibilidade é a mais alta que se pode esperar, a política prepara o fato para que seja registrado na televisão. Esta visibilidade acentuada, entretanto, tem uma curta duração do acontecimento na memória, ou seja, "(...) nada existe se não aparece na tela, e ali nada dura muito tempo"[39].

Por fim, "(...) a videopolítica transforma a democracia representativa em democracia de opinião"[40]. Neste sentido, ela é uma extensão cultural da política na vida, sendo, portanto, democratizadora dos lugares de enunciação, que a política antiga distinguia pelo manejo de saberes e pela posse de habilidades. Mas, por outro lado, a nova hierarquização de pessoas nos meios audiovisuais cria um novo sistema de preferências: os midiáticos (os intelectuais, os políticos e os cidadãos passam a participar de um macroespaço, que os recategorizam, isto é, suas opiniões são apresentadas como eqüivalentes). Em relação a esta questão, Bourdieu[41] assinala que uma reflexão necessária deveria incidir sobre o moralismo dos apresentadores de jornais da televisão, dos animadores de debates e dos comentaristas esportivos, de modo que se tornam porta-vozes de uma moral típica do pequeno-burguês, dizendo "(...) o que se deve pensar sobre, por exemplo, os problemas de violência em escolas, nos subúrbios e nos demais locais. Esta perspectiva democratizante tem conseqüências quando se passa a

[37]Ibid., p. 135.
[38]Ibid., p. 136.
[39]Ibid., p. 137.
[40]Ibid., p. 137.
[41]BOURDIEU, P. "Bourdieu desafia a mídia...", op. cit.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

opinar sobre temas que demandam saberes específicos". Sarlo é enfática, ao dizer que

> Estamos vivendo uma época em que é preciso voltar a pensar na relação entre sistema político, cidadania e opinião pública... Espera-se que 'nessa tela hoje sempre desperta', se instalem formas de informação e transparência que não se esgotem nos estilos da democracia plebéia impulsionada pelo *show business*[42].

A nova tecnologia, segundo Muniz Sodré[43], exige um redimensionamento da realidade. O homem, hoje, aceita, na condição de espectador, o pacto da ilusão, a experiência da alucinação, mediada pela máquina. Enquanto seu corpo permanece ancorado no espaço físico, sua cabeça viaja.

Com a expansão da mídia, entra em cena um outro espaço, que está sendo criado: o virtual. No conceito clássico de imagem, esta dependia de um referente. Já na era virtual, a figura digitalizada é uma construção que deriva de números. Não depende de um referente histórico. É o resultado de um algoritmo, de um número. A técnica, no virtual, se configura com uma nova natureza, porque se impõe com uma ordem absoluta: na sua falha, nada funciona.

O ciberespaço se cria como um mundo paralelo, com uma realidade utopista, com uma nova religiosidade, com uma integridade interativa falsamente democrática. De acordo com Muniz Sodré, cria-se o reinado da "Panarquia", onde cada um é rei. Este reinado tende a crescer com uma concomitante miséria subjetiva também crescente.

O virtual é uma clonagem sinestésica de uma realidade física, é uma ilusão proprioceptiva, é uma simulação da integração dos sentidos não apenas do campo visual. O rádio e a televisão também produzem uma dimensão virtual externa ao indivíduo, assim como os jogos de imaginação já produzem, virtualmente, uma realidade. A diferença entre o cinema, a TV e o computador é que os dois primeiros atuam nos campos afetivo e visual, enquanto o último atua em mais um campo, além do afetivo e do visual, atua também no sinestésico. O que está em jogo na virtualidade do computador é a existência do digital, que é um artifício sinestésico, é uma clonagem, que constrói uma realidade da sensação de inclusão, de presença.

---

[42]SARLO, B., op. cit., p. 138.

[43]Anotações de aulas do curso ministrado na UFRJ, já citadas anteriormente, e do livro SODRÉ, M., op. cit.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A realidade virtual permite a construção de um real a partir de modelos científicos. O virtual é uma interpretação do real, feita por informações matemáticas digitalizadas. Temos, portanto, dispositivos técnicos simulando uma realidade.

Atualmente, o sujeito deve ter uma postura de plasticidade suficiente para se ajustar à velocidade do mercado e às tecnologias[44]. Na lógica do virtual, há que ser rápido. A subjetividade, conformada pelo tempo durável, dá lugar a estratégias de adaptações; neste sentido, estão ocorrendo mudanças nas enunciações das subjetividades. O virtual demanda outras peles nas pessoas, abrindo uma realidade espectral nos sujeitos. Vive-se um momento em que a réplica pode ser mais real do que o real, em que o quase é quase presença. Vive-se diante de uma nova tecnologia subjetivante, pois o homem pode habitar o seu cerne, pode pensar com ela. O indivíduo se tornou um ponto de existência numa rede comunicacional. Nesta nova realidade, homem e objeto são definidos como feixes de relações. A pele com que os indivíduos se tocam é uma prótese, faz-se economia do contato real.

2.5
Tecnologias em imagens

Como viver num mundo onde as imagens causam tanto domínio, a ponto de o sujeito passar, minimamente, um fim de semana inteiro na frente de uma televisão, sem se questionar, ou melhor, sem sentir falta de se questionar sobre outras possibilidades de inserção no vasto campo das relações sociais humanas que a vida lhe oferece?

Consumir a imagem naquilo que supostamente ela oferece, seja de cunho ilusório, seja de reconhecimento, é um tipo de experiência próprio de ser, nos dias atuais. Mas uma coisa é o uso da imagem sugerindo reflexão, isto é, diante de uma situação dada, espera-se que o sujeito produza uma cena imaginária da mesma, mostrando, assim, a ação de seu pensamento pelo viés criativo[45]. Outra,

[44]BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

[45]A este respeito, ver os textos: "O ABC da gramática televisiva" de Marcelo Tas, e "O vídeo e a subjetividade: criação não é comunicação", de André do Eirado Silva. In: JOBIM E SOUZA, S. (Org.). *Mosaico...,* op. cit. Os autores abordam principalmente a questão do uso da tecnologia voltado para a criação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

bem diferente, é quando, ao ser dada a situação, já vem junto a imagem que dela se pode ter. Possivelmente, esta segunda alternativa, por atender de imediato à posição natural (instintiva) do sujeito, que é a tendência à inércia, "ao nirvana", ao princípio do prazer[46] e, portanto, mais econômica, seja tão mais passível de um consumismo. Como afirma Eirado Silva,

> Há artificialidades que interessam àqueles que querem produzir e criar e há artificialidades que interessam àqueles outros que querem dizer para a gente que a gente não precisa criar nem produzir, que dão tudo pronto na nossa mão, que a gente precisa apenas crer e consumir[47].

As imagens, positivamente, sempre nos ajudaram a ilustrar a narração de uma história, a simplificar idéias complexas, a falar do sucesso das caçadas nas culturas primitivas, a ilustrar as publicações jornalísticas, a dar suporte às informações via televisão e, mais recentemente, temos as imagens digitalizadas, com o desenvolvimento da informática[48].

Com a digitalização, as imagens podem ser modificadas, e isto requer um olhar cauteloso. Esta é uma nova modalidade de poder na produção das imagens. As coisas nelas representadas são modificadas em nome da estética vigente, criando, entre a coisa e a imagem a que se refere, uma distância surpreendente e às vezes assustadora.

Hoje, a edição de fotos e de filmagens não está mais associada à "melhor" imagem, mas sim àquela que mais se possa trabalhar, retocar, manipular. Barros Leite, baseando-se no texto "A precessão dos simulacros", de Baudrillard, quando aborda "a irreferência divina das imagens"[49], afirma que "(...) uma foto, depois de passar pelo processo de digitalização, fica sujeita tanto à simulação (fingir ter o que não se tem) como à dissimulação (fingir não ter o que se tem), à mercê de uma 'atualização do real'"[50].

---

[46]FREUD, S. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

[47]EIRADO SILVA, A. do. "O vídeo e a subjetividade: criação não é comunicação". In: JOBIM E SOUZA, S. (Org.), op. cit.

[48]O modo de produção capitalista da nossa sociedade de consumo sempre esteve na base das transformações ocorridas no campo da informação, visando evidentemente aumentar a produção num tempo cada vez menor e com redução dos custos. ADORNO, T. & HORKHEIMER, M., op. cit.

[49]Irreferência – Neologismo não dicionarizado, utilizado por Barros Leite.

[50]BARROS DE LEITE, A.L. *Ética*, http:/www.observatório da imprensa.com.br/artigos/mo 200899.htm.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Assim que a foto (que registra um instante do real) é digitalizada, deixa de ter um suporte físico para ganhar pontos de luz, que podem ser modificados, adulterados, transformados e/ou adequados às necessidades de um determinado momento.

Segundo ainda Barros Leite, exatamente no momento em que as imagens podem ser ferramentas para ajudar a contar e analisar os fatos, elas vêm sendo usadas para justificar uma informação, credenciá-la, torná-la verdadeira. Portanto, o autor recomenda que, agora, neste momento em que as imagens estão sendo usadas como um certificado de comprovação da realidade dos fatos, "(...) é que mais devemos desconfiar das aparências – uma espécie de antítese da expressão que tornou popular São Tomé – ver para não crer!... A era digital é uma realidade, suas conseqüências, um desafio que teremos que enfrentar"[51].

A engrenagem mecânica, até então referida à reprodução, alcança uma nova função: a produção. Não obstante, o que é produzido, quer dizer, recriado pela máquina, não escapa à intencionalidade e, conseqüentemente, mantém íntima relação com o *modus vivendi* do sujeito na atualidade. Se a máquina nos oferece a ilusão de ocultar algo que não se quer, e de se aparentar algo que não se tem, este recurso é o reflexo da vontade humana, que, atenta aos apontamentos do contexto social, assim confere à máquina uma certa direcionalidade. Eis o horizonte encenado pela digitalização: realidade virtual ou um novo domínio?

Raquel Paiva, em seu texto "O virtual comunitário"[52], ao abordar a questão da globalização, da comunicação em rede e do surgimento de uma comunidade virtual, propõe entender os acontecimentos do mundo nesta nova ordem, formulando a seguinte proposta: que papel é reservado à mídia, ferramenta fundamental como sistema de difusão e padronização cultural? Que tipo de socialização se configura neste horizonte? Que alternativas se tornaram preponderantes, como saídas possíveis de serem adotadas, até mesmo como modelos sociais?

Este novo cenário é produtor de novas subjetividades e, portanto, as categorias sociais também se refazem. Há uma consolidação de uma nova língua, usada pelo homem para se transportar velozmente por diferentes lugares, via rede.

---

[51]Ibid.
[52]PAIVA, R. *O virtual comunitário*, http:/www.facom.ufjf.br/lumina/paiva_lum.htm.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A realidade virtual tem produzido idéias sobre a possibilidade de comunidades também virtuais, que assumiriam a forma concreta a partir da comunicação via rede e da utilização de um único idioma.

Os entusiastas da *internet* chegam a pensar na possibilidade de um novo Estado, sem grande desenvolvimento institucional e ausência de sentimentos civis, próprios do exercício da cidadania. Destacam como ponto positivo o fato de tratar-se de um meio democrático, que capacita as pessoas a obterem informações que ficariam restritas a um determinado espaço geográfico. Um aspecto inquietante é que, neste novo modelo, existem apenas duas possibilidades, os consumidores/produtores e os excluídos.

Criam-se, assim, duas categorias estanques e dissociadas uma da outra. Existem os que circulam na rede, ou seja, são consumidores de imagens, enquanto produtos oriundos de uma técnica. Firma-se, deste modo, um laço identificatório totalmente imaginário, pois o sujeito age e reage, frente àquilo que constrói como imagem, na possibilidade de interação com outro sujeito. Se a relação não é mais sujeito/sujeito, não se têm parâmetros de agir ou reagir segundo as entonações e as modulações rítmicas e afetivas. É neste sentido que se fala de uma nova subjetividade, de modos de o sujeito agir e reagir frente às experiências mediadas pelos aparelhos técnicos.

Há uma segunda categoria, os que estão fora da rede, numa modalidade de circulação que se identifica como "excluídos" de interagirem com a imagem[53]. Esta categoria já conhece graus crescentes de segregação, e tudo indica que a ordem das coisas sugere o seu fim, não apenas no sentido de sua extinção por não participar, mas também no sentido de sua inclusão. E por que não? Este é um dos desafios sobre o qual há uma inquietação contínua e instigante, que suscita construir soluções. Seria apenas ilusão pensar que a comunicação em rede, potencialmente, é uma possibilidade de ajuda no gerenciamento de um novo mundo? Neste estado da experiência do homem, mediada pelas imagens técnicas, novos modos de relacionamento do espaço social foram construídos. Uma vez que

[53]Está-se referindo aqui apenas aos sujeitos que não consomem as imagens via *internet*, pois o convívio com a tecnologia nos dias atuais se dá em intensidades variadas em todas as camadas da sociedade. Todos os sujeitos se inscrevem num contexto compartilhado de experiências diferenciadas com a tecnologia. Na medida em que, por exemplo, o computador passou a existir, a experiência tanto dos consumidores quanto dos "excluídos" ficou marcada pela sua existência. Portanto, qualquer nova tecnologia influencia a todos, de maneiras específicas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

a imagem se traduz enquanto universalidade, por exemplo, apagam-se as distâncias, bem como a idéia de território nacional se esvanece, entendido este como um espaço cultural, o lugar onde vigorava a vinculação político-comunitária entre as pessoas, onde prevaleciam costumes partilhados, a partir de um modo de relacionamento face a face.

Há uma classe consumidora/produtora, cujo índice é bem reduzido, em comparação com os "excluídos", e tem um perfil basicamente ocidental, ou seja, tem um padrão que responde pela estética, pela arte, pela linguagem, pelo comportamento, pelo consumo, pela educação, enfim, por uma aparência diferenciada, constituindo, assim, o que se denominou de "elite transnacional"[54], que se desloca de um lugar a outro, para capitais mundiais, sem o menor transtorno, sentindo-se em casa. Esta nova elite é um pouco nômade, na medida em que é movida pela mobilidade de capital. Desgarra-se das idéias associadas de família e vizinhos e se descompromete com o território.

Este panorama conta com o enfraquecimento do Estado, que, cada vez mais, assume contornos gerenciais, reduzindo substancialmente sua atuação em setores da área social, como educação e saúde. Esta questão não afeta a nova elite, porque ela usufrui de serviços privados.

Diante deste panorama, Paiva define a atualidade, em primeiro lugar, como o esvanecimento do horizonte ético, do que resultam os entraves e os impasses na tessitura social em atos solidários, pois, na atualidade, se constata uma perda radical da capacidade do pensamento consensual e também do sentimento de filiação. Em segundo lugar, constata-se o surgimento de um modo de proceder, fruto de uma razão instrumental, cujo pragmatismo das ações visa quase totalmente uma eficácia específica. Enfim, há um reforço contínuo do individualismo, que, nos seus graus de exacerbação, se aproxima do delírio de autonomia.

Em se tratando da dinâmica subjetiva, este mesmo efeito pode ser observado, pois não importa quais sejam os meios para se alcançar a categoria de imagem consumível. Há, nisto, a confluência de uma exigência decorrente do progresso científico, aliada aos anseios do sujeito que responde a tais exigências, na expectativa de encontrar felicidade. Ao não se questionar se é ou não uma

[54]PAIVA, R. *O virtual comunitário...*, op. cit.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

necessidade premente, o sujeito entra na engrenagem do consumo, de modo que, pacificamente, adere ao imperativo que se forjou no entrecruzamento do discurso capitalista com o discurso científico. Consuma! Eis a palavra de ordem, sugestiva de encontro para amenizar, tanto o estado de desamparo do sujeito frente às situações que enfrenta, quanto as suas pretensões. Tem-se, assim, uma promessa para que o sujeito tenha, ao seu alcance, objetos que evitem o confronto com os limites próprios de sua condição. O oferecimento de completude e satisfação plena não seria um mero engodo, já que desaloja o sujeito daquilo que é sua característica principal, ou seja, a falta estruturante? A adesão desmedida a uma ordem de aparência pode recair sobre ele, no sentido de se produzir uma transformação efêmera dos valores e, conseqüentemente, da própria subjetividade, criando-se, assim, uma espécie de moral singular e enganadora. Esta concepção de moral é "(...) a manifestação de nosso vivido social. Desde quando o viver em conjunto nada representa, o sujeito é tomado pela vertigem do engano e a vida social se rompe"[55].

Esta clivagem no social ocorre juntamente com uma dissociação das condições de representação, culminando com o aparecimento de categorias de acusação de uma camada social a outra. Na verdade, as acusações se mesclam desde a imobilidade ao uso excessivo, processo em que se nutre a esperança de apagamento daquilo que é oposição ou diferença.

Por intermédio de imagens, o sujeito é capaz de tratar o drama como ficção. Tal modificação só se pode produzir na relação sujeito/imagem, com uma radical transformação na capacidade de representação, em que o império do visual e o anseio da eficácia parecem ter deslocado o valor de sentido no processo de transmissão. Além disto, os meios de comunicação, em sua grande maioria, procuram dar evidencia às coisas de modo a afastar o alcance da possibilidade de reflexão, uma vez que oferecem artificialmente as sensações que o sujeito é obrigado a viver por procuração. O telespectador é levado a acreditar que faz parte de uma engrenagem dinâmica, quando o que se observa é uma tendência à imobilidade. Novamente aqui, pode-se recorrer à reflexão crítica de Benjamin, sobre este aspecto, quando afirma que há uma nova forma de percepção na *atitude distraída* das massas frente à obra. Em suas palavras,

[55]HEUILLET, H. *Le malaise social. Le Discours Psychanalytique*. 9, 1993, p. 63, (tradução do autor).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

> O cinema rejeita o valor de culto, não só devido ao fato de provocar no público uma atitude crítica, mas também pelo fato de tal atitude crítica não englobar, no cinema, a atenção. O público é um examinador, mas distraído[56].

A saturação atual do visível, quer dizer, da imagem técnica, tende a preencher a curiosidade antes mesmo de ser expressada, como se as necessidades tivessem que ser saciadas antes de se evidenciarem.

A modalidade discursiva repleta de esteriótipos, de imagens dominantes, dificultaria o intercâmbio necessário ao viver em grupo? Ou o sujeito ainda não se deu conta deste novo modo de sociabilidade?

Não se pode opor-se ao fenômeno da mundialização, mas se pensa que se pode, sim, produzir uma resposta à fragmentação, ao individualismo, à naturalização ao *apartheid* social. Segundo Paiva, o que interessa é sugerir formas alternativas de sociabilização. Trata-se de um procedimento em que a solidariedade se fundamenta como nota determinante, considerando-se aqui a solidariedade como uma atitude que pode vir a ser produzida e não algo inato ao ser humano. Para a autora, o mundo atual caracteriza-se como aquele em que [se]

> Vive um momento especial, em que se pode 'navegar' por todos os mares pretendidos, com rotas extremamente ordenadas e acessíveis, fazer e manter contatos com as pessoas, instituições e as temáticas que se deseje. Portanto, um aparato técnico sem precedentes na história da humanidade, pelas possibilidades que deixa antever de um eu central ou da essência humana, mas antes como a capacidade de ver as diferenças tradicionais – que se fazem cada vez mais visíveis e necessárias como elemento identificatório dentro da globalização – como não determinantes, bem como a capacidade de pensar em pessoas muito diferentes como incluídas na esfera do nós[57].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

[56]BENJAMIN, W. *A obra de arte na época*..., op. cit., p. 110.
[57]PAIVA, R. *O virtual comunitário*..., op. cit.